



## O MAR, AS BALEIAS E OS QUILOMBOLAS

Joana D'arc Portella Rocha\*

Sou Joana D'Arc Portella Rocha, torixorina, nascida às margens do rio Araguaia, mestre em Geografia pela UFSM/RS, ministro aulas de Geografia, em Bombinhas-SC, cidade de 25.058 habitantes; com 36 km<sup>2</sup>, tendo 39 praias de águas mornas e cristalinas; possui biomas de Mata Atlântica, Restingas, Mangues e Costões Rochosos, atraindo turistas na temporada, de novembro a março, totalizando 2.168.432 visitantes no último ano.

No tempo da escravização africana, em nossas praias, capturava-se baleias para aproveitar a gordura do animal, que na época era utilizada na iluminação pública e particular; as demais partes do animal eram enviadas as saboarias, aos curtumes, aos estaleiros, e as construções civis como liga de argamassa. Em Porto Belo-SC, a Igreja Bom Jesus dos Aflitos, estilo colonial - luso açoriano, foi construída por mãos negras, emancipação (1814) e ampliada (1920) e é reconhecido o uso de argamassa à base de matéria prima das baleias; hoje é Patrimônio Histórico Catarinense.

Aqui questiona-se o estereótipo que Sul brasileiro é a “Europa brasileira” e evidenciar a in-visibilidade dos saberes, fazeres da presença negra na região Sul, embora o DIEESE (2022) aponte 20,8% de negros na população catarinense e 20,6% no RS. Decorridos 20 anos de promulgação da lei federal 10.649/03, que orienta o ensino de “História e Cultura Afro-brasileira”; a realidade pouco mudou, minha escola está a 30 km, do **Sertão do Valongo**, considerada pela Fundação Cultural Palmares como remanescente quilombola e terra homologada; em Balneário Camboriú, o **Quilombo Morro do Boi**, possui Auto-Reconhecimento, mas continua a luta na justiça pela posse da terra de seus ancestrais.

Os escravizados africanos foram a mão de obra da construção do Brasil Meridional, nas armações baleeiras, uma das bases econômicas que enriquecia a capitania catarinense; desde Armação Grande (da Piedade), hoje município de Governador Celso Ramos, construída em 1746; no auge da atividade predatória matava-se mais de 1.000 baleias por inverno; ao norte da Armação da Piedade foi fundada em 1778 a Armação de Itapocoróia, hoje região de Piçarras/Penha. Ao sul da Capitania de Santa Catarina ergueu-se a Armação de Garopaba, datada de 1793 e 1795 e a estação baleeira mais austral do Brasil em todos os tempos, a de Imbituba, em 1796.

O entorno das armações nutria a rede de atividades paralelas garantia a infraestrutura hídrica, alimentícia e materiais básicos; o conjunto composto por engenho de farinha, aguardente, curtumes, casa de olaria, casa de banho, fontes de água e as capelas religiosas.

\*Joana D'arc Portella Rocha, mestre em Geografia pela UFSM/RS, professora de Geografia, SED/SC.

O trabalho escravizado movia as baleeiras catarinenses; vindos do RJ, os africanos subjugados eram identificados como: monjolos, congos, angolas, benguelas e cabos-verdes, crioulos ou mestiços. Os recém-chegados ficavam em terra, após adquirir destreza eram enviados ao trabalho no mar; trabalho arriscado, perigoso produziu graves acidentes e mutilações durante a captura das baleias.

A hierarquia dizia do pertencimento aos grupos sociais e raciais: os donos das armações e sua família a Casa Grande da Armação; para mestres de ofício e encarregados havia a casa dos Feitores, mais modestas; a Companhia dos Baleeiros era destinada aos viajantes e familiares durante a temporada da pesca, deste comércio ultramarino de proporções continentais, e a senzala voltada para os escravos, cuja composição separava os casados dos solteiros.

